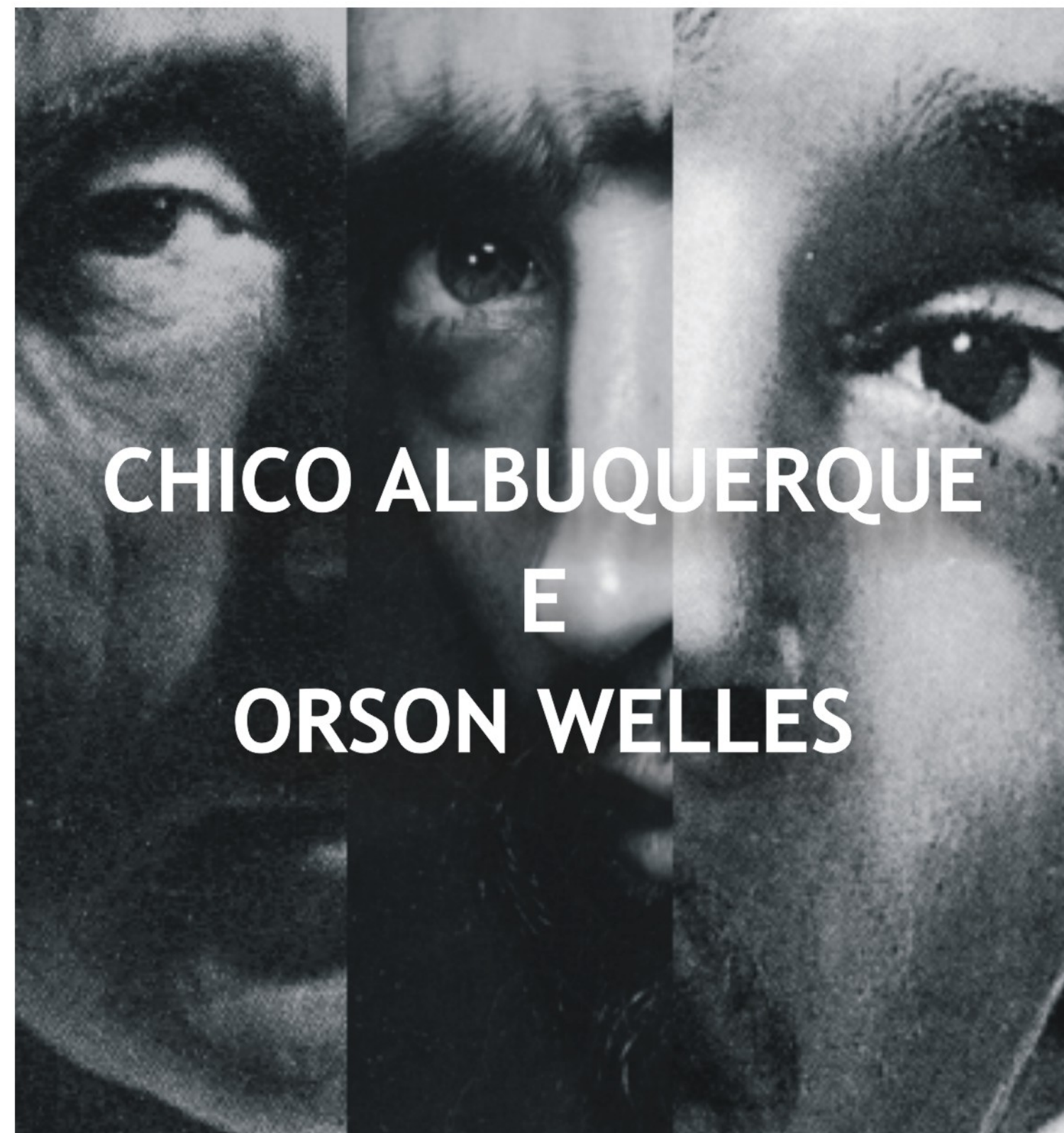


# Célia Mello

Célia Mello, doutoranda no TIDD (Tecnologias da Inteligência e Design Digital), nascida em São Paulo, é mestre em fotografia desde 2001 pelo Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo da Escola de Comunicação e Artes (ECA), da USP; formada em Biologia Marinha pela Faculdade de Biologia e Psicologia Maria Thereza, Niterói/RJ, em 1987. Participou de diversos cursos na área de fotografia. Atua desde 1993 como professora de Fotografia e Análise da Imagem na Faculdade de Comunicação e, atualmente, leciona na PUC-SP . Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

41 | 42

Já participou de diversas exposições coletivas e individuais, destacando-se, entre elas, a exposição "EUSENCONTROSEUSENCONTROS", Série 1, realizada na Aliança Francesa, em 1994; e, em 2008, na Galeria Colorida, em Lisboa, Portugal. Teve participação na II Semana Sergipana de Fotografia em 1993; II Bienal Nacional de Santos em 1991; I Bienal Internacional de Fotografia Cidade de Curitiba em 1996. Participou do 3º e 4º Festival Internacional Paraty em Foco, em 2007 e 2008; e do DeVercidade - dentro e fora do olhar, em Fortaleza, 2010.







No ano passado, Cidadão Kane completou 70 anos, longa-metragem em que Orson Welles inovou, seja pelos ângulos *plongée* e *contraplongée*, seja pela exploração do campo e do contracampo, seja pela narrativa não linear, e que é considerado pela crítica um dos melhores filmes de todos os tempos.

A Coleção Pirelli/Masp, que completou 20 anos em 2011, destaca uma arte, visual e criativa, de grande importância para o Brasil da mesma forma pela qual Orson Welles influenciou a linguagem do cinema.

Logo após Cidadão Kane, Orson Welles vem ao Brasil e, com o mesmo gênio criativo, influencia nosso fotógrafo Chico Albuquerque em Fortaleza, Ceará, quando aquele estava filmando “It's All True”(1942).

Segundo Simon Callow<sup>1</sup>: “em Fortaleza, Welles parece ter perdido sua paciência natural. Ele contratou um jovem fotógrafo local chamado Chico Albuquerque que, quase cinquenta anos depois, lembrava-se da generosidade de Welles: 'Ele me ensinou tudo que sei sobre composição'. Albuquerque se tornou um dos maiores fotógrafos sul-americanos; suas fotografias de jangadeiros immortalizaram um mundo que já não existe.

Na paisagem ainda existente, Welles trabalhou com um elenco amador e sem educação formal com muita delicadeza; em algumas seqüências não editadas, seus longos dedos salientes podem ser vistos ajustando com cuidado os atores na moldura<sup>2</sup>”.

O artista fotógrafo Chico Albuquerque, um dos representantes dessa coleção, tem três trabalhos fotográficos adquiridos e conservados no acervo do Museu de Arte de São Paulo (MASP).

Nasceu em Fortaleza em 1917 e morreu em 2000, na mesma cidade. Por influência de seu pai, o qual montou um estúdio: Aba Film, onde o filho começou a trabalhar como fotógrafo aos 15 anos, iniciou assim sua carreira fotográfica em sua terra natal. Sobre seu encontro com Welles, Chico Albuquerque comentaria, após ter trabalhado com o mesmo enquanto o primeiro filmava no Brasil seu longa-metragem referido acima:

“Orson Welles era um homem genial, boêmio e desorganizado. Aproveitei bastante sua estada no Brasil. Naquela época, eu fotografava sem noção de composição fotográfica. Foi ele que ensinou. Antes de fazer uma tomada ele riscava num papel o que ele queria. Fazia a divisão do retângulo. Vi então que era necessário ter uma noção de estética para fotografar direito<sup>3</sup>”.

“... uma vez, um teórico da fotografia, até de forma pejorativa, disse que havia muito de Orson Welles em minhas fotos. É claro que tem. Todos somos influenciados por outras pessoas. Ninguém cria nada do nada<sup>4</sup>”.

Mudou-se para São Paulo em 1945, onde atuou como um dos diretores do Foto Cine Clube Bandeirante. Em 1948, foi o primeiro fotógrafo a realizar uma campanha publicitária ilustrada com

fotografia<sup>5</sup>: um anúncio da Johnson & Johnson criado pela J. W. Thompson. Em seguida, torna-se fotógrafo publicitário e comenta: “éramos chamados de fotógrafos-ilustradores<sup>6</sup>”.

Ainda lembra:

“o tempo em que os anúncios eram divididos em duas 'estampas': o produto, geralmente uma ilustração, e a fotografia de uma modelo americana<sup>7</sup>”.

Nos anos 50, primórdios do crescimento e desenvolvimento industrial de São Paulo, Chico Albuquerque, com um dos estúdios mais bem equipados e modernos da cidade, fotografou personalidades da sociedade paulistana e artistas nacionais, deixando um arquivo iconográfico sobre essa época da nossa história tecnológica e sociocultural. Entre esses artistas, temos as fotografias tiradas de Aldemir Martins, Mário Cravo e Victor Brecheret: três artistas plásticos internacionalmente reconhecidos.

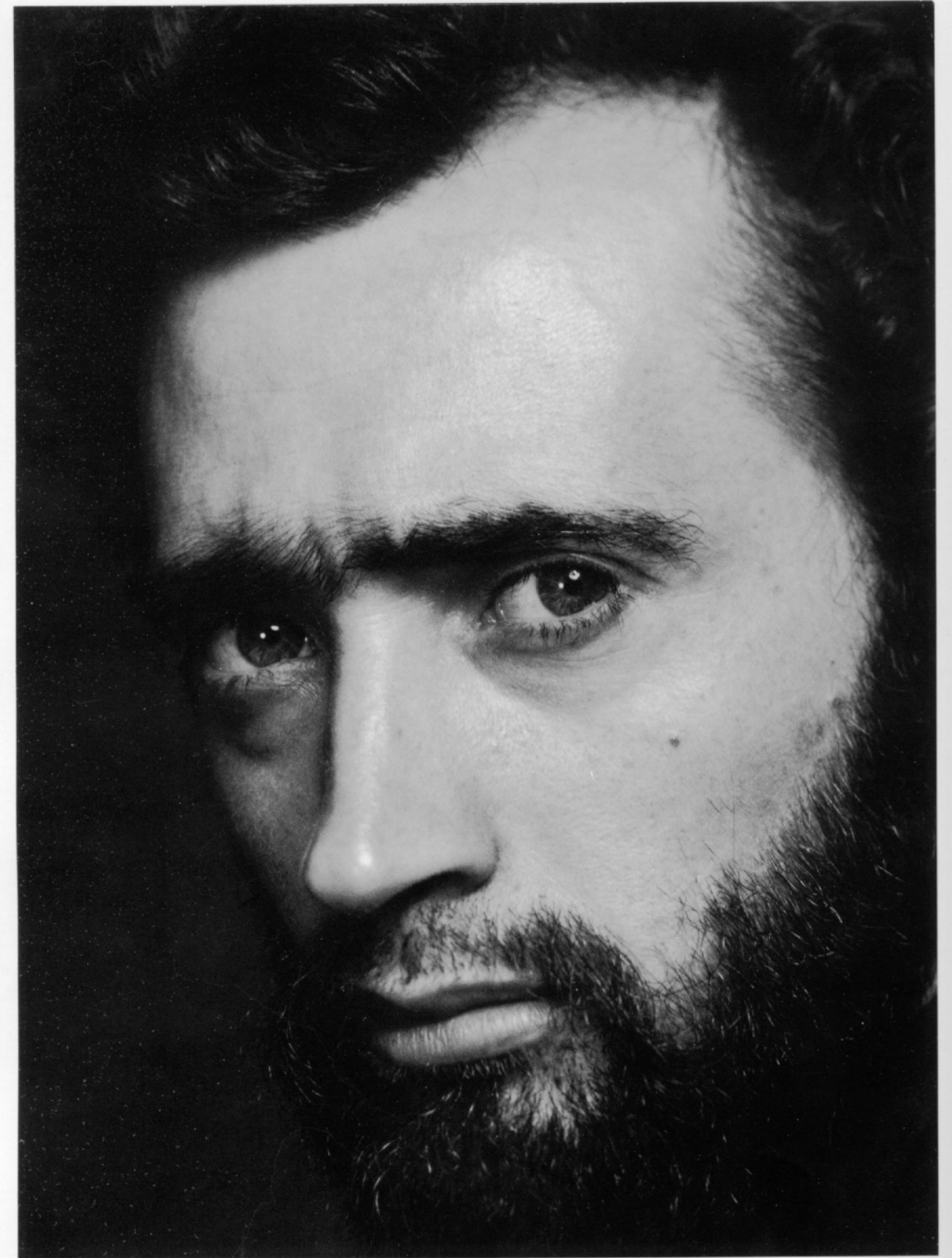
Na fotografia 1, temos o retrato de Aldemir Martins, cearense, um dos representantes da pintura brasileira. O seu retrato foi feito em estúdio, em 1950, época em que o artista tinha 28 anos e já se sobressaía em sua carreira artística, dando aulas e ganhando prêmios. Nesse período, em que a cidade de São Paulo começava a destacar-se socioculturalmente dos outros centros urbanos, Aldemir Martins ministra um curso de gravura no Museu de Arte de São Paulo (MASP), recém-inaugurado, e também recebe uma medalha de bronze, ao expor no II Salão Baiano<sup>8</sup>.





Aldemir Martins, c. 1950

Aldemir Martins - 1950



Mário Cravo, c. 1950

Mário Cravo - 1950

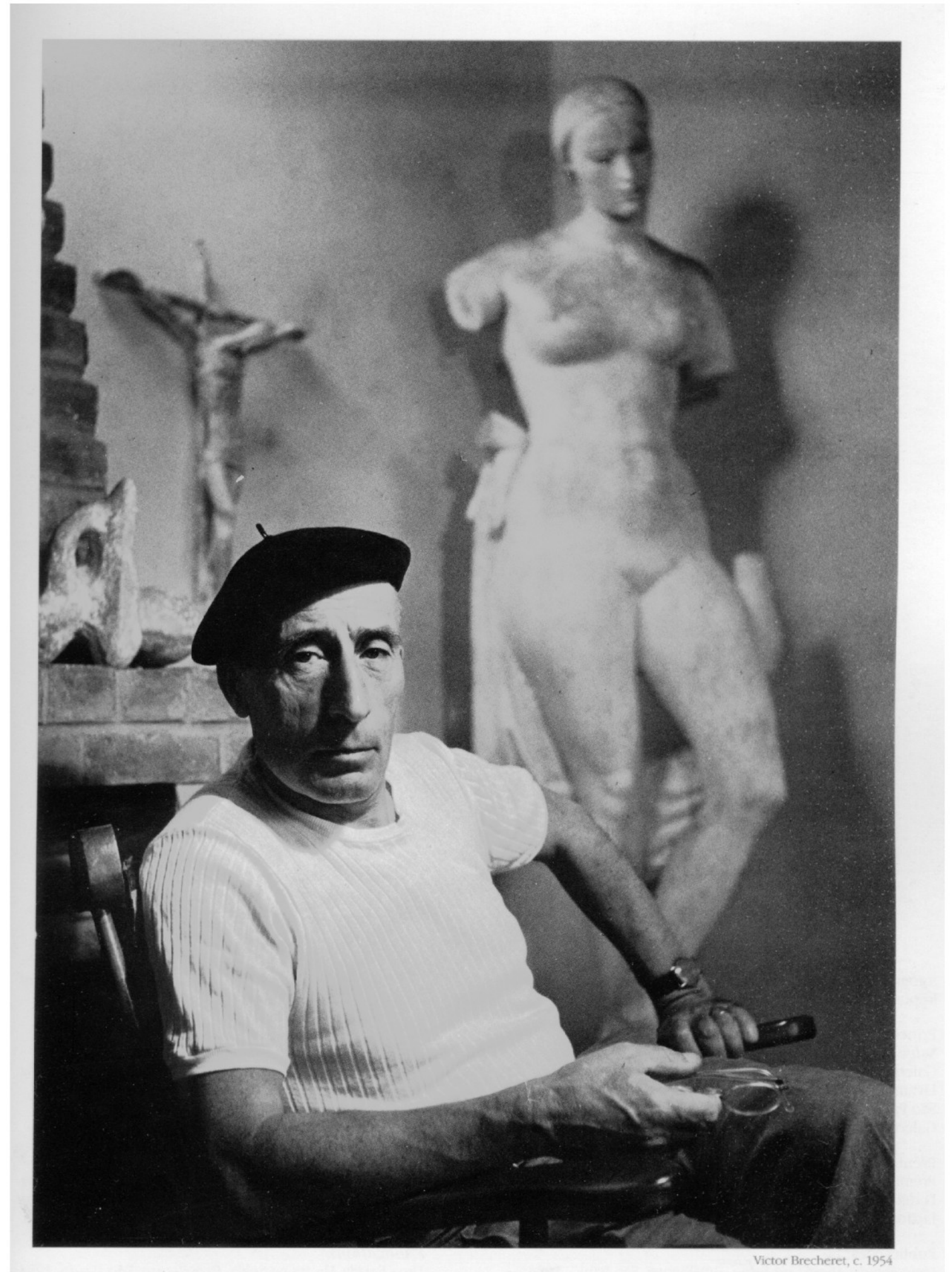


Podemos identificar nesse retrato recursos técnicos e estéticos decorrentes das imagens daquele período, apesar do uso do *contraplongée*, uma modernidade para a época, um ângulo audacioso. O tradicional retrato feito em estúdio nos deixa a nostalgia de uma época, em que a fotografia começava a ser mais usada e valorizada no país.

Na fotografia 2, vemos o retrato do artista plástico Mário Cravo, baiano, um dos representantes da escultura e gravura no país. O retrato foi tirado em 1950, quando o artista estava com 27 anos. Esse retrato representa um fragmento da memória da vida de Mário Cravo, que constrói, nesse período, sua primeira fase de escultor e desponta como um inovador na escultura, pelas pesquisas de arte popular e erudita que realizou no Norte e Nordeste do Brasil.<sup>9</sup> Ele e um grupo de artistas impulsionaram o movimento de arte moderna na Bahia e renovaram a arte plástica em Salvador.

O enquadramento fechado em seu rosto destaca seu olhar expressivo e inquieto, assim como sua personalidade, que busca, através dos temas nacionais de mitos e deuses do homem brasileiro e baiano, a sua forma de expressar-se.

Na fotografia 3, temos, por fim, o retrato do escultor Victor Brecheret, paulistano, um dos principais escultores do país. Ele participou de alguns movimentos artísticos, entre os quais a Semana de Arte Moderna<sup>10</sup>, mas sempre mantendo um estilo próprio. Em 1954, um ano antes de sua morte, Victor Brecheret posa para as lentes de Chico Albuquerque, em seu ateliê.



Victor Brecheret, c. 1954

Victor Brecheret - 1954



Os anos 50 foram muito profícuos culturalmente para o Brasil e também para Victor Brecheret, que valoriza e retrata a arte indígena<sup>11</sup>, dando origem ao “período brasileiro” em sua carreira.

É uma das fases em que descobre a cultura indígena e a interpreta em suas próprias esculturas, entre elas: “Índio e a Suassuapara”. Reconhecido internacionalmente como escultor, Victor Brecheret deixou importantes monumentos na cidade de São Paulo, como o “Monumento às Bandeiras”, construído no Parque do Ibirapuera, marco do desenvolvimento da cidade .

Essa imagem resgata um instante precioso da intimidade da vida desse artista, em seu ateliê, ao lado de suas obras. Seu olhar revela a maturidade de quem chegou ao ápice de sua expressão na escultura, valorizando assim a cultura brasileira.

As três imagens de Chico Albuquerque recordam o momento mágico na interpretação de um fotógrafo de artistas plásticos, cujos trabalhos também interpretam o mundo, através de outros suportes.

#### Nota:

1. Ator, escritor e diretor de teatro.
2. Chico Albuquerque Fotografias. Fortaleza: Terra da Luz Editorial, 2009.
3. PERSICHETTI, Simonetta. Imagens da fotografia brasileira. SP: Est. Liberdade, 1997, pp. 197-201.
4. Idem, pp. 194-201.
5. Idem, p. 198.
6. SCAVONE, Márcio. Revista Irisfoto. Edição Especial. n. 500. São Paulo: 1997, pp. 3032.
7. Idem, p. 32.
8. MARTINS, Aldemir. São Paulo, Galeria de Arte André, 1987, p. 14. Catálogo.
9. CRAVO, Mário. Linha, forma e volume 1984/1994. Bahia: Núcleo de Artes do Desenbanco, 1984. Catálogo.
10. BRECHERET, Victor. 1894/1955. Rio de Janeiro: Renavan, 1989, p. 6. Embora não estivesse ali presente, Victor Brecheret participou da Semana de Arte Moderna, por meio de 12 esculturas selecionadas por ele e expostas no Teatro Municipal de São Paulo.
11. Idem, p. 7.

Este artigo: Chico Albuquerque e Orson Welles, é uma releitura da dissertação: *A Fotografia Documental na Coleção Pirelli do Museu da Arte Moderna de São Paulo*, de Célia Mello, em *Ciência da Comunicação da Escola de Comunicação e Artes ECA-USP* em 2001. E tem, igualmente, como referência Chico Albuquerque, o artigo publicado no site, *Fotografia Contemporânea*, em 2005.

#### BIBLIOGRAFIA:

**ALBUQUERQUE**, Chico. Fotografias. Fortaleza, Terra da Luz Editorial, 2009.

**BRECHERET**, Victor. 1984/1955. Rio de Janeiro, 1989.

**CRAVO**, Mário. Linha, forma e volume 1994/1984. Bahia, Núcleo de Artes do Desenbanco, 1984. Catálogo.

**MARTINS**, Aldemir. São Paulo Galeria de Arte André, 1987. Catálogo.

**PERSICHETTI**, Simonetta. Imagens da fotografia brasileira. São Paulo, Estação da Liberdade, 1997.

#### BIBLIOGRAFIA ESPECÍFICA:

**COLEÇÃO Pirelli/Masp de Fotografia**. São Paulo, vol. 3, 1993.

#### REVISTA

**IRISFOTO**. Edição Especial 50 Anos. Imagens que contam uma história da fotografia brasileira. São Paulo, n. 500, 1997.